

B I A H E T Z E L

Em setembro de 1993, Bia Hetzel avistou um grupo de orcas na Baía da Ilha Grande. Este foi o primeiro registro de avistagem da espécie no Rio de Janeiro.

Mas os encontros não pararam aí... A autora presenciou muitos outros “shows” de orcas no litoral brasileiro: dorsais negras rasgando águas cristalinas, saltos surpreendentes em frente às praias mais famosas do país.

No início, as pessoas ao seu lado sequer notavam a presença dos enormes animais. Todos pareciam pensar que as orcas viviam apenas em aquários! Aos poucos, porém, a divulgação das fotos e das informações vem “abrindo os olhos” da população. A cada dia multiplicam-se os relatos de encontros com baleias. Agora a pesquisadora se pergunta: *Como ensinar as pessoas a conviver em paz com os maiores predadores dos mares?*

A resposta, mais uma vez, está na Baía da Ilha Grande: os pescadores caiçaras sempre souberam da presença de orcas em nosso litoral. É que, para eles, as orcas chamam-se “matis”. E quantas histórias os caiçaras têm para nos contar sobre anos de convivência pacífica com estes animais! Por isso, este novo livro de Bia Hetzel não é a história de uma pesquisadora de baleias, e sim a história de Rita, uma menina caiçara que aprendeu a ser amiga das matis.



Matie e Rita
a orca e a caiçara



ILUSTRAÇÕES
GRAÇA LIMA

MANATI



MANATI

B I A H E T Z E L

⋮
Mati e Rita
a orca e a caiçara

ILUSTRAÇÕES
GRAÇA LIMA

MANATI
PRODUÇÕES EDITORIAIS



© do texto, 1998 by Bia Hetzel
© dos desenhos, 1998 by Graça Lima

Direitos de edição adquiridos por
Manati Produções Editoriais Ltda.
Rua da Quitanda, 30, sala 711, Centro,
CEP 20011-030, Rio de Janeiro, RJ
Telefax: (21) 2512-4810, 2274-2942
manati@uninet.com.br / www.manati.com.br

É terminantemente proibida a reprodução do texto
e/ou das ilustrações desta obra (fotografias ou desenhos),
em parte ou em seu todo, para qualquer fim, sem
autorização expressa e por escrito da editora.

Projeto gráfico e edição de arte
Silvia Negreiros

Revisão científica
Liliane Lodi

Revisão de originais
Luzia Ferreira de Souza

Revisão tipográfica
Tereza da Rocha / Sheila Til

A ilustração da página 43, de Daniela Weil, foi
originalmente produzida para o livro *Baleias,
botos e golfinhos: Baía da Ilha Grande*.

Obra impressa conforme o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H591m

Hetzel, Bia, 1968–

Matí e Rita : a orca e a caiçara / Bia Hetzel ;
ilustrações Graça Lima. – Rio de Janeiro : Manati, 1998.
44p. : il. ; 22 × 30cm.

ISBN 978-85-86218-03-3

1. Literatura infantojuvenil. I. Lima, Graça, 1958–
II. Título.

CDD–808.899282

BIA HETZEL nasceu no Rio de Janeiro,
em 1968. É escritora, editora e fotógrafa,
tem vários livros publicados e uma pre-
miada produção voltada para crianças e
jovens. Recebeu o Prêmio Jabuti de Autor
Revelação, em 1995, com o livro *Rosali-
na, a pesquisadora de homens*, e vários
de seus livros receberam o selo Altamente
Recomendável da Fundação Nacional do
Livro Infantil e Juvenil. Recebeu também
a menção White Ravens da Biblioteca In-
ternacional de Munique com o livro
O porco, além do prêmio O Melhor para
a Criança da FNLIJ com o livro *O dono da
verdade*.

GRAÇA LIMA nasceu no Rio de Janeiro,
em 1958. É formada em Comunicação Vi-
sual pela EBA/UFRJ, com mestrado em de-
sign pela PUC-Rio e doutorado pela EBA/
UFRJ. Há mais de vinte anos ilustra livros
para crianças e jovens. Recebeu os prê-
mios Luis Jardim, Malba Tahan e O Me-
lhor para o Jovem, e vários de seus livros
receberam o selo Altamente Recomendá-
vel da FNLIJ. Ganhou o Prêmio Jabuti da
CBL em 1982, 1984 e 2003. Recebeu
também quatro menções White Ravens
da Biblioteca Internacional de Munique.
Tem trabalhos publicados nos principais
catálogos internacionais de ilustração.



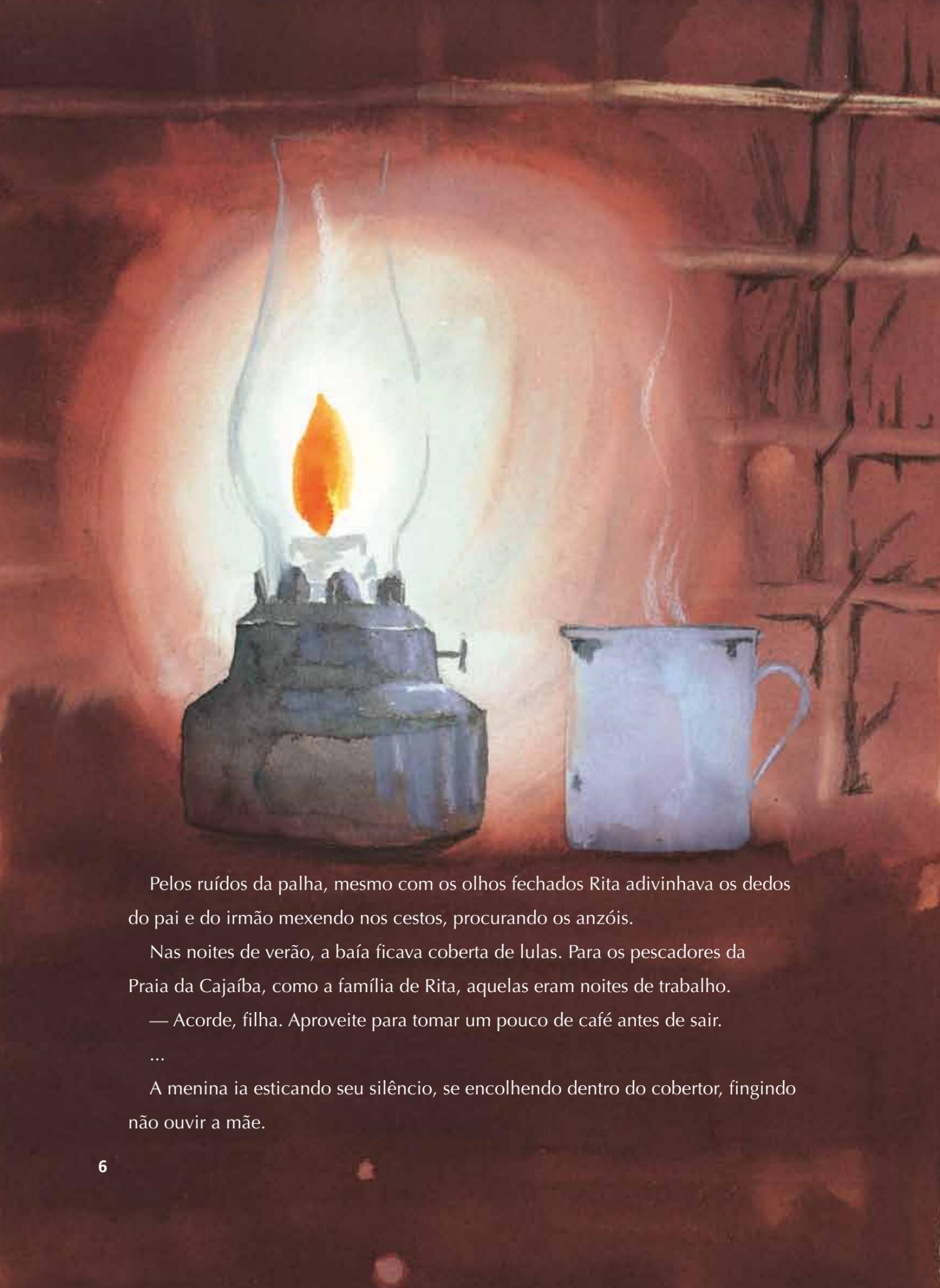
Para Flávia Tavares de Mello Hirsch, *in memoriam*,
e para Lilica



Serena estava esperando por Rita no mesmo lugar de sempre, protegida pelo rancho. Lentamente, a maré ia chegando até a canoa. A noite dava forças ao oceano e a água salgada vinha abraçar seu corpo roliço, feito de um único tronco de árvore.

Ao mesmo tempo, o movimento da casa ia despertando Rita. A lenha estalando no fogão, palavras soltas voando entre as paredes de terra batida.

A menina, que detestava acordar de repente, ainda se virava na cama, afundando o rosto no travesseiro. Mas a vida ia avançando sobre ela, assim como o mar fazia sobre a canoa.



Pelos ruídos da palha, mesmo com os olhos fechados Rita adivinhava os dedos do pai e do irmão mexendo nos cestos, procurando os anzóis.

Nas noites de verão, a baía ficava coberta de lulas. Para os pescadores da Praia da Cajaíba, como a família de Rita, aquelas eram noites de trabalho.

— Acorde, filha. Aproveite para tomar um pouco de café antes de sair.

...

A menina ia esticando seu silêncio, se encolhendo dentro do cobertor, fingindo não ouvir a mãe.

— Já que ela está com tanto sono, acho melhor não ir à pesca da lula, mãe. Não é boa ideia deixar uma menina andar de canoa por aí, à noite. Olhe, vou aproveitar que ela está dormindo para levar a Serena, que dá uma sorte danada na pesca...

— Ninguém encosta na minha canoa! — O grito escapou de dentro do cobertor.

— Ah, você acordou? Então venha escolher os seus anzóis, para a gente sair logo para a pesca, filha.

Mal-humorada, Rita não deu uma palavra, apenas escorregou como lagartixa para fora da cama. Andando na ponta dos pés, para não sentir o frio do chão de pedras, foi para a frente do espelho e esfregou os olhos pequeninos até o verde despertar. Depois pegou uma fita e amarrou os cachos louros em um farto rabo de cavalo.

Deu mais uns passos de bailarina, sentou-se à mesa da cozinha, sorveu em silêncio a xícara de café e, finalmente, abriu um sorriso.

Num único rodopio, beijou a mãe, agarrou os anzóis prateados oferecidos pelo pai e correu para a praia.



— Vamos para o mar, Serena! Nós duas vamos pegar mais lulas do que eles, não é? O Tiago é um bobo, pensa que você dá sorte! Enquanto ele pensa em sorte, a gente pensa no mar!

Para puxar a canoa até a água, Rita tinha que colocar toda a sua força na ponta das mãos e dos pés. Depois, no primeiro embalo da maré, pulava dentro dela, agarrava o remo e deslizava para o oceano.

— Espere por nós, filha!

— Ela já está no mar, pai. É melhor a gente correr, senão essa doidinha vai sumir por aí.

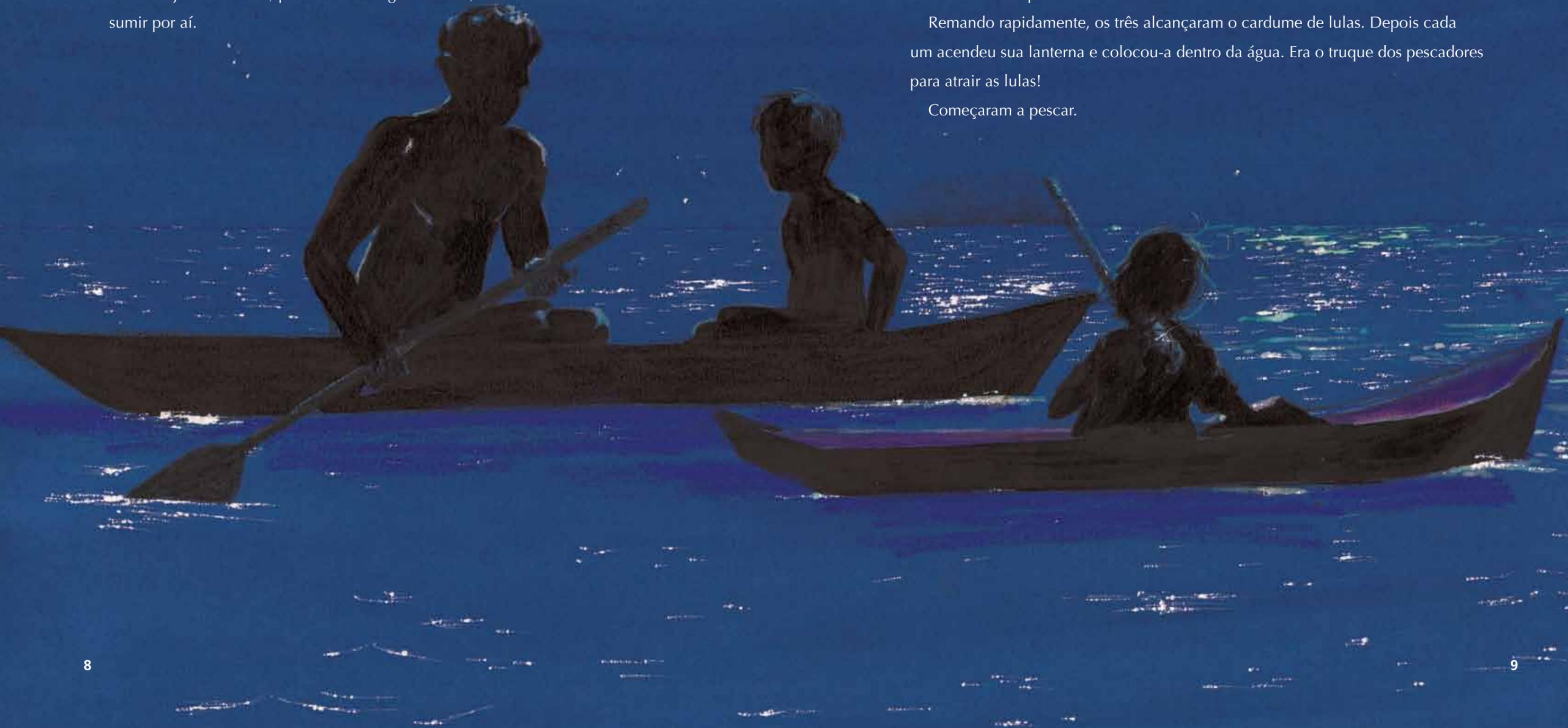
— Estou bem aqui, seu bobo! — A voz aguda e o som da batida do remo na água atravessaram a noite, mostrando que a menina não tinha-se afastado.

Enquanto esperava pelo pai e o irmão, com as mãos dentro da água, acariciando o casco de sua canoa, Rita sentiu pela primeira vez a felicidade de navegar à noite.

De repente — Tum! — o toque suave do remo do pai no casco de Serena e o brilho distante e fosforescente das lulas se movendo na superfície da água deram início à noite de pescaria.

Remando rapidamente, os três alcançaram o cardume de lulas. Depois cada um acendeu sua lanterna e colocou-a dentro da água. Era o truque dos pescadores para atrair as lulas!

Começaram a pescar.



Rita estava maravilhada, as luzes e a transparência da água enchiam de festa os seus olhos, enquanto as mãos, alegres e ágeis, traziam muitas lulas para dentro da canoa.

O cardume movia-se depressa, em pulsos fosforescentes. As canoas iam atrás.

— As lulas estão fugindo de alguma coisa... Devem ser as toninhas que estão vindo pescar! — alertou o pai.

— Hoje não vi toninhas por aí. Elas têm ficado mais lá para fora da baía, por causa das sardinhas. As lulas estão fugindo de outra coisa...

— Que menina metida! Desde quando você entende mais de mar do que o nosso pai, Rita?

— Sua irmã é amiga das toninhas, Tiago. Ela deve estar certa. Mas, então, o que vocês acham que está assustando as lulas?

— POUFFFFFF!!!!

— POUFFFFFF!!!!

Os estouros dos borrifos responderam à pergunta do pai.

— Vocês ouviram isso? Tem uma baleia por aí... — sussurrou Tiago, assustado.

— Uma baleia não, *duas*! Foram dois borrifos... — emendou o pai, tentando enxergar sinais dos gigantes dentro da escuridão.

— Não são borrifos de baleia, não. O som delas é mais alto — comentou Rita, tranquila, sem parar de pescar.

— Lá vem a Dona Sabichona! Se isso aí não é baleia, eu sou uma bicicleta! E todo mundo sabe que baleia vira bote! É melhor a gente tomar cuidado!

— Não é baleia, e baleia não vira bote! Que menino bobo!

— Chega de discussão! Seja lá o que for, espantou as lulas. Vamos voltar para casa.

Os meninos obedeceram à ordem do pai e desligaram as lanternas.

Rita estava triste por terminar tão cedo a sua primeira noite de pesca. Mas a verdade é que também tinha ficado curiosa com os borrifos. Por isso foi arrumando bem devagar os apetrechos e as lulas dentro da canoa. Enquanto o pai e o irmão já iam-se afastando, seus olhos acompanhavam cada movimento diferente no mar.

— Poufff!

Dessa vez o som foi mais baixo. O estranho é que parecia bem mais próximo! Rita olhou em volta, procurando pelo pai e o irmão. Eles continuavam indo em direção à praia, não deviam ter ouvido nada.

Só então ela reparou numa pequena mancha, branca e redonda, boiando ao lado de Serena. “Mais uma porcaria de plástico solta no mar!”, pensou. Remando bem de leve, deslizou para cima da mancha e esticou a mão para pegá-la. Mas, em vez de encontrar um plástico amassado, sua mão encostou numa coisa macia e...

— Viva! Essa coisa está viva!

O toque da mão de Rita deu movimento à “coisa”. A mancha escorregou suave pelos seus dedos, como um ovo cozido, e a “coisa” mostrou-se muito maior do que a menina tinha imaginado. Ela era preta! Preta e branca!

Antes de afundar e sumir no mar, a “coisa” deu um novo borrifo bem no rosto da menina.

— Poufff!

— Eca! Que espirro azedo!

Sem perder tempo, Rita acendeu novamente a lanterna e apontou para o mar, tentando ver a “coisa” dona do borrifo. Só que a pequena luz não serviu para nada, ou melhor, serviu apenas para que o irmão a visse e começasse a gritar:

— Olhe lá, pai! A Rita ainda está pescando!

— Vamos logo, filha!

— Já vou! Estou indo...

— Ué!?! Já voltaram? A pesca não estava boa?

— No início tinha muita lula, mãe. Mas duas baleias enormes espantaram o cardume e quase viraram as nossas canoas.

— Que perigo!

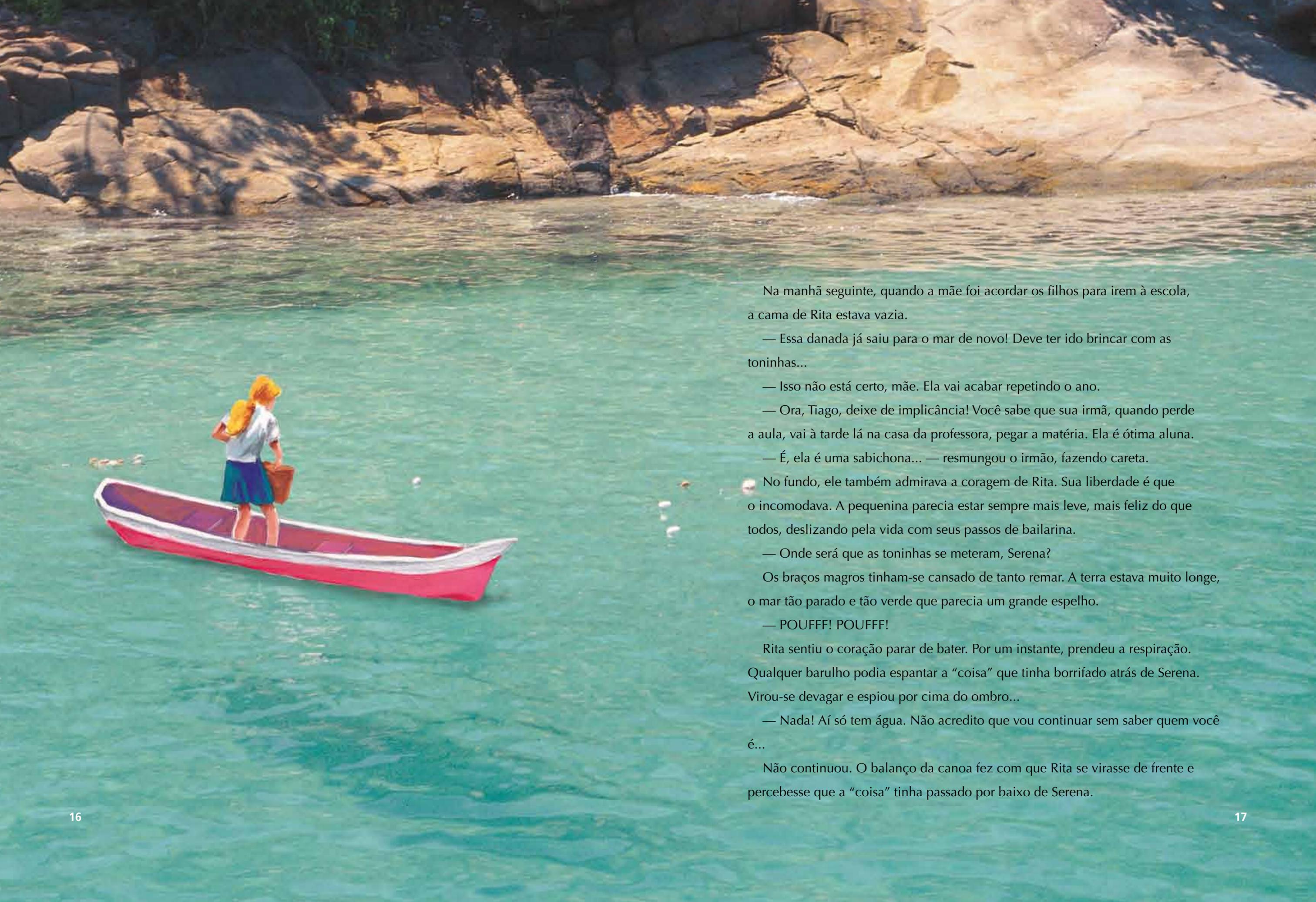
— Perigo nada, mulher. É mais uma daquelas histórias de pescador do seu filho! — disse o pai, derramando as lulas dentro do isopor com gelo.

Tiago ficou vermelho, de raiva e de vergonha, mas continuou insistindo:

— É verdade! Os estouros dos borrifos pareciam até tiros, de tão fortes! E eu vi o rabão de uma delas, afundando bem ao lado da Rita. A boba estava tão afoita atrás das lulas que nem percebeu!

Os três olharam imediatamente para a menina, esperando uma resposta mal-humorada. Mas Rita nem ligou para a provocação. Derrubou suas lulas no isopor — muito mais do que o pai e o irmão —, disse “boa noite” e correu para o casulo do cobertor.





Na manhã seguinte, quando a mãe foi acordar os filhos para irem à escola, a cama de Rita estava vazia.

— Essa danada já saiu para o mar de novo! Deve ter ido brincar com as toninhas...

— Isso não está certo, mãe. Ela vai acabar repetindo o ano.

— Ora, Tiago, deixe de implicância! Você sabe que sua irmã, quando perde a aula, vai à tarde lá na casa da professora, pegar a matéria. Ela é ótima aluna.

— É, ela é uma sabichona... — resmungou o irmão, fazendo careta.

No fundo, ele também admirava a coragem de Rita. Sua liberdade é que o incomodava. A pequenina parecia estar sempre mais leve, mais feliz do que todos, deslizando pela vida com seus passos de bailarina.

— Onde será que as toninhas se meteram, Serena?

Os braços magros tinham-se cansado de tanto remar. A terra estava muito longe, o mar tão parado e tão verde que parecia um grande espelho.

— POUFFF! POUFFF!

Rita sentiu o coração parar de bater. Por um instante, prendeu a respiração. Qualquer barulho podia espantar a “coisa” que tinha borrifado atrás de Serena. Virou-se devagar e espiou por cima do ombro...

— Nada! Aí só tem água. Não acredito que vou continuar sem saber quem você é...

Não continuou. O balanço da canoa fez com que Rita se virasse de frente e percebesse que a “coisa” tinha passado por baixo de Serena.



Lá estava ela! Um triângulo pequenino e preto foi surgindo, rompendo a superfície da água. Foi crescendo, crescendo, crescendo e...

— Poufff!

Rita não acreditou no que viu. Ficou muda, paralisada. Só conseguiu soltar a voz e o espanto quando a coisa mergulhou de novo:

— Mati! É uma mati!

A coragem da menina desapareceu. Os pensamentos invadiam sua cabeça com tanta força que ela parecia ter perdido o equilíbrio dentro da canoa. Ouvia, ao mesmo tempo, as vozes de todas as pessoas que já lhe tinham falado sobre as matis.

“Aquela galha grande e preta apavora todos os bichos do mar!”, “O povo da cidade chama esse bicho de orca, ou de baleia assassina, porque ela ataca até ave, toninha e baleia!”, “Dizem que, lá nos Estados Unidos, eles prendem e amansam as matis dentro de piscinas, e elas até aprendem a dar beijinho em criança. Esses gringos são doidos!”.

De repente, todas aquelas ideias se juntaram, formando um pensamento apavorante: “Será que essa bichona comeu as toninhas?” Rita levou as mãos ao rosto e apertou os olhos com força, tentando proteger-se do pensamento.

— POUFFFF!!!

— Pouff!!!

— Pouff!!!

— puf!

— puf!

A menina estremeceu e foi abrindo os dedos devagar, querendo e não querendo ver o que viu.

Não era uma mati! Eram cinco! Além daquela primeira, tinham aparecido mais duas matis grandes e dois filhotes. Era uma família!

Borrifaram mais uma vez e mergulharam, sumindo no mar ver...

— Vermelho! O mar está ficando vermelho!

Lá se foram de novo os dedos para a frente dos olhos. E dessa vez foram-se também os cachos louros, os joelhos e tudo o mais. Rita parecia um tatu-bola, enrolando o corpo no medo.



— VUPT! PAFT!

O salto da mati provocou um estrondo e muita marola. Rita teve que abrir os olhos e pegar o remo para não cair na água.

Bem ao seu lado, a maior das matis sacudiu a cabeça no ar, com uma raia presa entre os dentes. Depois, soltou um pedaço da raia na água, e um dos filhotes veio pegar.

— Elas estão caçando! Por isso é que tem sangue na água...

O medo desapareceu. As matis não estavam nem ligando para ela, só pensavam em comer. Rita não podia deixar de reparar na sua beleza, na sua força.

Elas pareciam toninhas gigantes. As mães ensinavam os filhotes a se alimentar. Umas ajudavam as outras a caçar. Depois, todas dividiam a presa.

A menina ficou ali, só observando, um tempão. Até que as matis pararam de caçar. Já estavam satisfeitas. As raias que tinham escapado fugiram para longe e as matis começaram a nadar cada vez mais devagar, mergulhando e voltando à superfície, descansando.

— Lindas! São lindas as matis!

Foi então que uma delas pareceu reparar na canoa...

Aquela que tinha sido a primeira a aparecer deixou as outras e veio nadando para perto de Rita, que estava hipnotizada, vendo o triângulo preto rasgar a água, crescendo e diminuindo, crescendo e diminuindo...

— Pouff! — De novo, no rosto da menina!

— Azeda! — Rita soltou uma gargalhada.

Embaixo da mancha redonda e branca, um olho preto e brilhante ficou boiando ao lado de Serena. Rita não resistiu. Esticou a mão e deixou que ela escorregasse novamente pela pele macia da mati, que mergulhou com um tremor.

Eram amigas.





— Isso está me parecendo uma das histórias do Tiago... Você quer dizer que tem um bando de matis por aí, e que uma delas ficou sua amiga!? Impossível! E, se for verdade, desta vez você está indo longe demais, filha. Uma coisa é coragem, outra é burrice. Essas bichas são verdadeiras piratas dos mares! Não se pode confiar em piratas!

Lágrimas de decepção brotaram nos olhos de Rita. O brilho verde respondeu ao pai o que todas as palavras afogadas no silêncio da menina teriam feito. “Olhos de pirata!”, a mãe vivia repetindo.

Muitos caiçaras eram descendentes dos europeus que tinham visitado a Baía da Ilha Grande nos séculos passados para buscar abrigo e esconder seus tesouros. Além de lendas, eles espalharam pela região a cor rosada, o cabelo louro e os olhos claros.

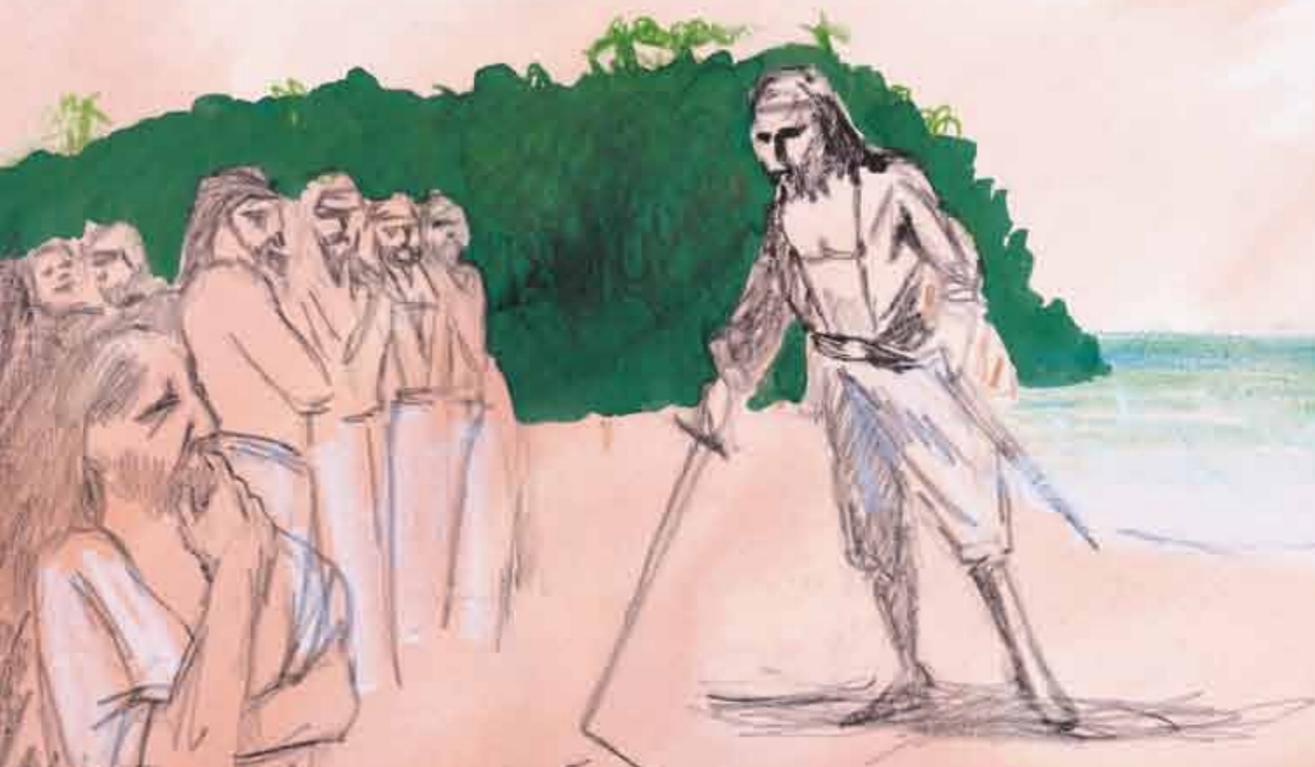
— Elas são como todos os outros bichos, pai. Atacam só para comer e se defender. Quando ficam satisfeitas, vão embora.

— O problema é quanto tempo demora e de quanta comida elas precisam para ficar satisfeitas, não é? A essa altura, já deve ter acabado todo o pescado da baía...

— Tiago estava apavorado.

— É, deve mesmo! Se eu fosse você, nem saía mais para o mar!

Rita preferia que o irmão ficasse em terra. Tinha medo das histórias que ele poderia inventar se encontrasse as matis e da reação que os outros pescadores teriam...



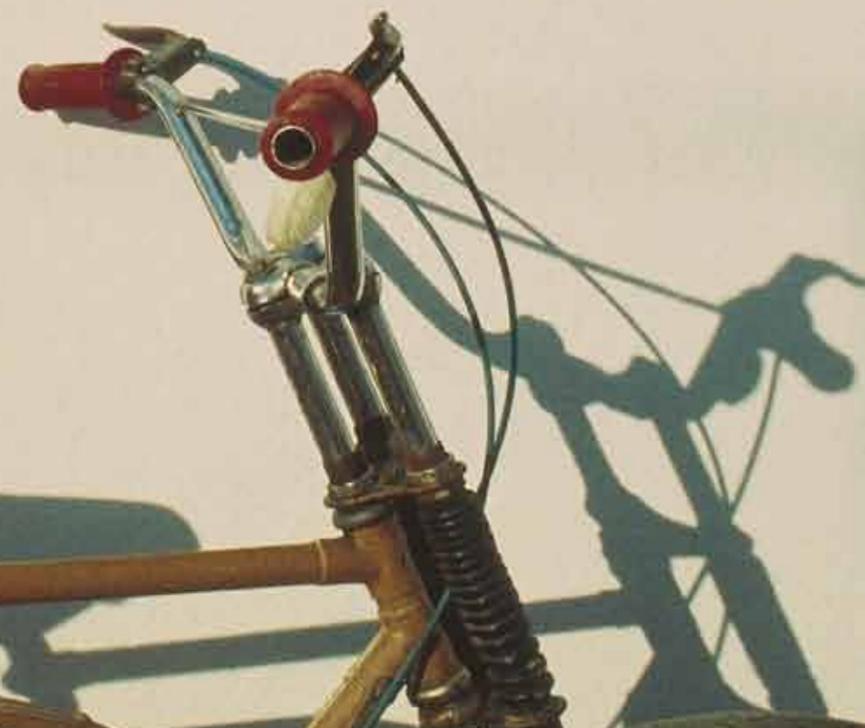


Biblioteca

A menina estava fascinada pelas matis, mas as perguntas martelavam sua cabeça: Será que elas eram mesmo perigosas? Podiam afugentar o pescado? Estavam ali de passagem ou tinham vindo para ficar?

Só na cidade ela conseguiria descobrir alguma coisa sobre as matis. O jeito era ir até Paraty.

Na biblioteca, encontrou um livro sobre baleias, que pegou emprestado. Perguntou aos professores e a todos os conhecidos que viu pelas ruas se eles sabiam que havia matis na baía. Todos riram da pergunta e disseram “Claro que não!”. Até os pescadores, como o seu pai, disseram “Não, nunca!”, claro...





Durante toda a semana seguinte, o mau tempo obrigou os pescadores a ficar em terra. Tiago e seu pai aproveitaram para remendar suas redes e tecer outras.

A mãe teceu cestos de palha e fez farinha. A menina não desgrudou os olhos do mar, perguntando-se por onde andariam as matis.

— Vou sair com a Serena para visitar o pessoal lá da Ilha do Algodão, pai.

— Com esse vento e o mar grosso do jeito que está? Só se for maluca, filha!

— Mas é aqui pertinho...

— Nem pensar! Você tem que conhecer e respeitar os limites da natureza.

A vida da gente não tem espaço para esse tipo de erro. Olhe, por que você não vai ler o seu livro? Logo, logo o tempo melhora.

Rita amarrou um bico de desgosto, mas ficou feliz em se lembrar do livro. Ler dentro do seu cobertor-casulo, com o barulhinho da chuva no sapê, era uma ótima ideia!

O problema é que no livro ela acabou descobrindo uma coisa que a deixou ainda mais pensativa. Ele dizia que existiam dois tipos de matis: as que viviam sempre no mesmo lugar e as que viajavam sem parar pelos oceanos. As que moravam sempre no mesmo lugar comiam principalmente peixes. As que estavam só de passagem é que comiam de tudo, para matar a fome durante as travessias.

Que tipo de mati seria a sua amiga?

Lá se foi a pequena de novo para a beira da água, debaixo da garoa fina. A mãe bem que tentou protestar, mas o pai foi logo ajudando:

— Deixe a menina, mulher. É bom que ela aprenda a vigiar o mar e o tempo...

Aos poucos, a paciência de Rita foi virando desânimo, o desânimo foi virando chatice, e a chatice acabou transformando-se numa tristeza esquisita, assim, meio esquecida.

Quando o tempo melhorou, ela só pensava em recomeçar as aulas.

No primeiro dia de escola, gostou até da hora de anotar o dever de casa. A merenda ficou mais saborosa, e os amigos, mais queridos

Mas, no mar, perto dali, como as matis não precisam parar sua vida por causa do mau tempo, a rotina tinha a mesma graça de sempre para a amiga de Rita. Sua vida era só brincar, comer, descansar e... procurar pela menina! Não tinha chuva ou vento que a fizesse esquecer daqueles olhinhos verdes, da canoa cor-de-rosa...

— Poufff!

Rita já estava quase chegando em casa quando ouviu o borrifo, bem ao lado de Serena.

— Estamos perdidos! É a mati! — Tiago quase caiu da canoa.

— Pchhhht! Fale baixo, Tiago. Assim você vai assustar a minha amiga! Olhe lá! Estão chegando as outras! Repare só que graça é aquele filhotinho...

Não deu tempo de Tiago reparar em nada. De repente, uma daquelas lanchas enormes do povo da cidade passou bem onde estavam as matis, correndo como um foguete. Um bando de turistas pulava no convés, rindo e falando tão alto que nem o barulho do motor impediu os meninos de ouvir. A lancha provocou uma onda imensa, que quase virou as suas canoas.

— Socorro, Rita! Perdi o equilíbrio! Vou tombar!

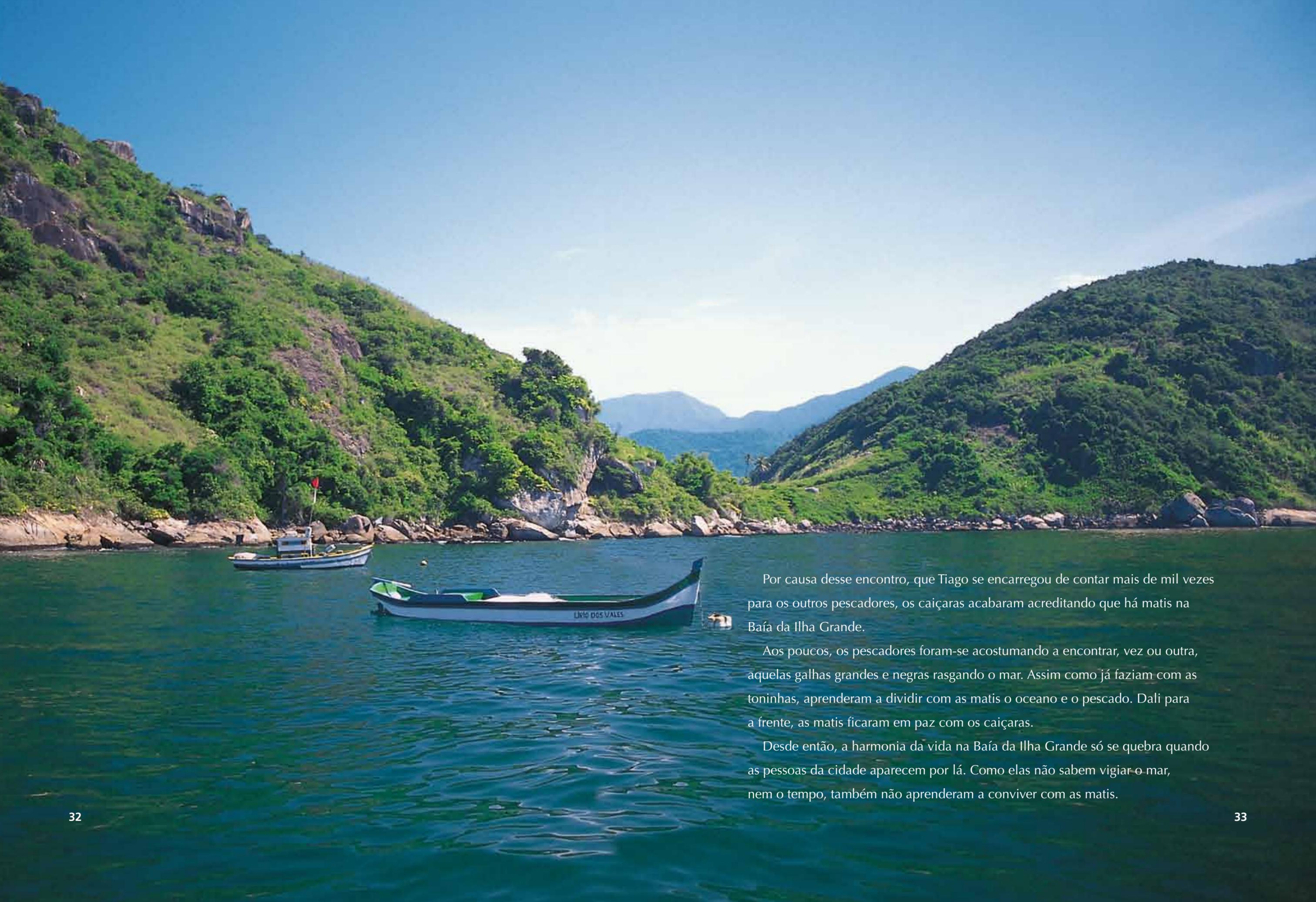
A agilidade da pequena livrou o irmão de tomar um banho.

— Esses loucos! Esse povo da cidade é doido! Correr para quê, se estão passeando?! Correr de quê????!! Quase atropelaram o filhote! Quase mataram a gente! Será que não nos viram? Será que a gente é invisível?

— As matis sumiram, Rita. Sumiram!

— Claro, Tiago. O que você queria? Elas não são bobas. Vamos! Vamos para casa nós também, eles podem voltar a qualquer hora. Rá, rá! E pensar que você estava com medo das matis...





Por causa desse encontro, que Tiago se encarregou de contar mais de mil vezes para os outros pescadores, os caiçaras acabaram acreditando que há matis na Baía da Ilha Grande.

Aos poucos, os pescadores foram-se acostumando a encontrar, vez ou outra, aquelas galhas grandes e negras rasgando o mar. Assim como já faziam com as toninhas, aprenderam a dividir com as matis o oceano e o pescado. Dali para a frente, as matis ficaram em paz com os caiçaras.

Desde então, a harmonia da vida na Baía da Ilha Grande só se quebra quando as pessoas da cidade aparecem por lá. Como elas não sabem vigiar o mar, nem o tempo, também não aprenderam a conviver com as matis.

Tem muita gente que nunca mais vai à praia depois que encontra com as matis, com medo de enfrentar “baleias assassinas”. Outros, ao contrário, ficam perseguindo os animais. Mas a grande maioria dos visitantes é como aquele pessoal da lancha: nem repara na presença das matis. Quando passam pela baía, correndo atrás da vida, muitas vezes atropelam, sem perceber, o equilíbrio da natureza e dos caiçaras, provocando uma onda de destruição que às vezes é impossível de deter...

Mas esta é a história de Rita, e o que importa é que ela ganhou uma amiga, que às vezes desliza ao seu lado pela vida.

Por isso, se você navegar lá pelas águas da Baía da Ilha Grande, abra bem os olhos para vigiar o mar. Quem sabe não encontra as duas pescando juntas, nas noites fosforescentes de algum verão?

Ah!, e se encontrar a mati sozinha, não tenha medo. A Rita descobriu que sua amiga pode até ser descendente de matis piratas, que um dia vagaram pelos oceanos, mas, desde que chegou à baía, ela virou uma mati caiçara: escolheu viver para sempre naquele lugar lindo, tirando da natureza só o pouco de que precisa...



A Baía da Ilha Grande

A serra mergulha no mar

Milhões de anos atrás, as forças que movimentam o interior da Terra fizeram surgir uma serra ao longo do litoral sudeste brasileiro. Em certo ponto desse litoral, a proximidade com o mar foi tanta que a serra mergulhou com seus paredões de gnaiss e granito dentro das águas do oceano Atlântico. Assim formou-se a Baía da Ilha Grande, onde o verde da mata escorre das encostas para as águas cristalinas e os topos das montanhas submersas transformam-se em mais de 300 ilhas que espalham praias, pontas e costões multicoloridos por um cenário de paraíso tropical.

A Ilha Grande situa-se em frente à baía e atua como uma barreira, protegendo-a dos rigores do mar aberto e dos ventos fortes, e tornando suas águas quase sempre calmas e aquecidas.

Um paraíso desfrutado desde a Pré-História

Em muitos locais da baía, podemos encontrar marcas deixadas nas rochas pelos homens primitivos que ali poliam suas ferramentas de pedra. Além dessas marcas, vários sambaquis — formados por camadas de conchas, restos de animais e utensílios — indicam que os habitantes ancestrais da baía viviam da coleta de frutos e mariscos, da pesca e da caça.



A baía dos índios, dos reis e dos piratas

No início do século XVI, a Baía da Ilha Grande era habitada pelos povos indígenas tupinambás e guaianás. Bravos guerreiros, organizados em aldeias ao longo do litoral, os índios cultivavam milho e mandioca e também caçavam e coletavam plantas nas matas e restingas. Além disso, mergulhavam e pescavam com muita habilidade, deslizando em grandes canoas pela baía.

Em 6 de janeiro de 1502, durante as expedições de exploração da costa brasileira, chegaram à região os primeiros portugueses, futuros colonizadores. Em homenagem aos Reis Magos, deram ao local o nome de “Baía de Reis”. Para conquistá-la, porém, tiveram que travar sangrentas batalhas com os índios, principalmente com a nação tupinambá, liderada pelo cacique Cunhambebe.

Mesmo dominada pelos portugueses, a partir do século XVI a baía passou a acolher piratas ingleses, espanhóis, franceses e holandeses, que atravessavam o oceano para fazer comércio entre a Europa e a América. O grande número de ilhas e praias isoladas proporcionava esconderijos perfeitos para os aventureiros. Nas paradas para se abastecer de água, lenha e alimento, muitos deles acabaram estabelecendo-se definitivamente na região, por onde espalharam lendas sobre tesouros e grandes navegações.

Durante os séculos XVII e XVIII, à medida que a colonização portuguesa se expandia pelo Brasil, surgiram povoados em portos abrigados da baía. Próximo ao local da antiga aldeia de Cunhambebe, nasceu a vila de Angra dos Reis. Mais tarde, na terra dos guaianás, foi fundada Paraty, que ganhou grande importância ao servir de principal porto para a exportação do ouro que vinha de Minas Gerais.

Ao longo dos anos, as cidades da Baía da Ilha Grande cresceram e os cultivos se multiplicaram em fazendas espalhadas por sua

costa e por suas maiores ilhas. Para tentar manter o domínio sobre a região, os portugueses ergueram fortes em terra e no mar, mas nem assim conseguiram deter a pirataria e o contrabando de escravos e do cobiçado ouro brasileiro.

No início do século XVIII, os portugueses finalmente construíram uma estrada por terra, ligando Minas Gerais ao Rio de Janeiro, por onde passaram a escoar a produção de ouro e diamantes com maior segurança. Mas, apesar de terem perdido o comércio das Minas, os povoados da baía continuaram prosperando, escoando a produção de açúcar e café por seus portos e explorando a caça de baleias.

Foi somente no final do século XIX que a economia da Baía da Ilha Grande entrou em decadência. O fim da mão-de-obra escrava levou as fazendas à ruína; os portos perderam sua importância após a criação de uma estrada de ferro que tornou o comércio por terra mais rápido e mais seguro do que o comércio marítimo; e as fábricas baleeiras fecharam por já não terem mais o que caçar, uma vez que as baleias foram dizimadas até seu quase extermínio.

Isoladas dos avanços da economia da época, Paraty e Angra dos Reis foram aos poucos perdendo seus habitantes, que partiram em busca de novas oportunidades. Lentamente, enquanto os barcos dos negociantes de fora deixavam de visitar seus portos, a Baía da Ilha Grande foi caindo no esquecimento. Assim, entre o final do século XIX e meados do século XX, o homem deu uma trégua à natureza da região, que mostrou sua força de renovação invadindo as antigas áreas de cultivo das encostas e fazendo desaparecer da paisagem as cicatrizes da ocupação humana.



Tempo de esquecimento: a baía caiçara

Durante a época de isolamento e renovação natural, um povo silencioso e resistente permaneceu na baía: o caiçara.

Descendentes de índios, portugueses, negros e piratas europeus, os caiçaras não têm uma única cor de pele ou de olhos. Todos, porém, têm a mesma maneira de ver o mundo, o mesmo jeito manso de falar, a mesma falta de pressa para viver. Todos fazem parte de uma única cultura, que se espalhou ao longo dos séculos pela Baía da Ilha Grande.

Isolados em pequenas comunidades pelo litoral do continente e das ilhas, os caiçaras aprenderam a viver tirando da natureza apenas o suficiente para o seu consumo. Vivendo por gerações e gerações à beira-mar, tornaram-se grandes pescadores. Em suas canoas, feitas à maneira dos índios, de um único tronco de árvore, eles cruzam, há séculos, as águas da baía sem machucar a natureza ou nela deixar cicatrizes.

Em terra, plantam banana, feijão, milho, cana e a mandioca, que depois é transformada em farinha, num processo que leva dias de muita conversa em volta de fornos de barro. Suas casas têm paredes de terra batida e telhado de sapé. É um povo religioso, que ainda sabe fazer festas combinando fé e alegria.



Tempo de rápidas transformações: uma onda ameaçadora

Em pleno século XX, quando o mundo embarcava em um ritmo frenético de desenvolvimento, de progresso, os caiçaras viviam sem luz e sem estradas. Em suas comunidades, o dinheiro não era muito usado, porque a troca direta de uma coisa por outra simplesmente funcionava. Sem energia elétrica, eles não assistiam a televisão, mas tinham olhos para assistir a espetáculos que nenhuma câmera é capaz de registrar. Isoladas, a cultura caiçara e a vida na Baía da Ilha Grande pareciam eternas em seu equilíbrio.

Até que, um dia, a autoestrada Rio-Santos chegou, trazendo o “progresso” aos locais isolados da Baía da Ilha Grande. A partir da década de 1950, o dinheiro, a energia elétrica, a televisão, as fábricas, os barcos a motor e uma infinidade de outras “novidades” invadiram a região.

Mas aquela era uma estrada de mão dupla: do mesmo modo que trouxe o desenvolvimento até a baía, a Rio-Santos também levou até as cidades notícias sobre sua beleza e sua riqueza. Assim, em pouco tempo o povo caiçara viu um número cada vez maior de pessoas da cidade chegar às suas praias.

O choque entre culturas tão diferentes foi inevitável. O turismo e o desenvolvimento tornaram as terras dos caiçaras bastante valiosas, despertando o interesse de muita gente.

Sem conhecer o valor do dinheiro, muitos caiçaras venderam suas casas quase de graça. Outros precisaram recorrer à Justiça para manter a posse das terras de onde tiravam o seu sustento.

Mas caiçara não vive só de terra e de ar: caiçara vive do mar! Com grande tristeza, esse povo tem visto sua riqueza mais preciosa ser destruída por forças difíceis de combater. Novas ameaças, que chegaram com o “progresso”, têm transformado o mar da baía num deserto sem vida: são os barcos de arrasto; a poluição e o esgoto que escorrem silenciosos de dentro das cidades, das fábricas, dos barcos de passeio; os derramamentos de óleo e os aterros dos manguezais.

Ninguém percebe toda essa violência com tanta clareza como os caiçaras. Com seu olhar tímido mas penetrante, eles têm encarado essa nova realidade com o mesmo jeito manso e firme de sempre. De certo modo, sabem que essa é só mais uma onda de transformação que invadiu a baía. Talvez seja uma onda mais devastadora que qualquer outra, mas a natureza sempre se renova, e eles são um povo que resiste.



Uma explosão de vida

A baía abriga vários ambientes diferentes, onde se desenvolvem milhares de formas de vida.

A mata atlântica cobre as encostas de terra firme.

Árvores frondosas entrelaçam-se em uma grande trama verde, que esconde arbustos, samambaias, orquídeas, musgos e várias outras espécies vegetais. A mata também é o paraíso da bicharada. Alguns discretos e quase invisíveis, outros ousados e barulhentos, os mamíferos penetram na floresta em busca de abrigo e alimento: são saguis, bugios, gatos-do-mato, gambás, morcegos e vários outros. As aves trazem alegria com suas cores e cantos e são importantes semeadoras. Alguns destaques são os beija-flores, as maritacas, os tucanos, os sabiás e os macucos. Cobras e lagartos não são raros entre os répteis. Sapos e pererecas tornam as noites mais sonoras e ajudam a manter afastados os mosquitos. É um equilíbrio delicado, que se renova a cada dia.

As restingas surgem perto das praias, onde a vegetação é mais baixa e a brisa do mar, constante. Ali encontram-se cactos, bromélias e gravatás, protegidos por espinhos pontudos, e também delicadas orquídeas. Amendoeiras e abricós-da-praia são árvores que pontilham a paisagem das praias. Nas areias, correm caranguejos mariais-farinha. Mais perto da terra firme, lagartos esticam-se ao sol. Muitas aves também vivem nas restingas, como tiés-sangue, gaviões e anuns-brancos.

Os manguezais são ambientes de transição entre o mar e a terra firme. Sob a lama e as raízes de sua vegetação, eles escondem uma grande quantidade de pequenos organismos que servem de alimento para animais marinhos, na maré cheia, e também para animais terrestres, na maré vazante. Seus habitantes mais numerosos são crustáceos e moluscos: ostras e cracas vivem fixas nas raízes da vegetação, enquanto várias espécies de caranguejos e siris cavam tocas que tornam a lama fértil. O único mamífero típico do mangue é o mão-pelada, que à noite pode ser visto caçando caranguejos. É também nesse ambiente que muitos peixes e outros animais marinhos desovam e vivem a primeira fase de suas vidas; por isso o mangue costuma ser chamado de "berçário marinho".

O ambiente marinho é rico e colorido. Algas, corais, águas-vivas, estrelas-do-mar, esponjas, siris, camarões, mariscos, ostras, polvos, lulas, moreias, raias, tubarões, tainhas, sardinhas, frades, bodiões, badejos, meros, garoupas e uma infinidade de outros peixes fervilham abaixo do espelho d'água, formando paisagens mutantes que atraem tartarugas, golfinhos, baleias e aves marinhas.



IDENTIFICAÇÃO ■ A orca apresenta um conjunto de características que a torna um dos cetáceos mais fáceis de reconhecer: nadadeira dorsal muito alta e larga, cabeça em forma de cone, nadadeiras peitorais arredondadas e coloração preta e branca, com a típica mancha branca redonda acima dos olhos.

BALEIA OU GOLFINHO ■ Apesar de ser chamada de "baleia", a orca na verdade é o maior representante da família dos golfinhos (delfínidos). Se pensarmos que ela tem dentes em vez de barbatanas, é fácil entender essa diferença. O seu grande tamanho e peso é que provocam a confusão.

MACHOS E FÊMEAS ■ A maneira mais fácil de distinguir machos e fêmeas adultos é observando o tamanho do corpo, a forma e a altura da nadadeira dorsal. Os machos são maiores e mais robustos que as fêmeas. Além disso, os machos adultos têm a nadadeira dorsal triangular e muito grande, e as fêmeas e os jovens têm a nadadeira dorsal em forma de foice e menor.

COMO NASCEM ■ Após uma gestação que dura cerca de 15 meses, as fêmeas dão à luz apenas um filhote, que será cuidado e amamentado por pelo menos um ano. O intervalo entre uma gestação e outra varia de 3 a 12 anos. Cada fêmea costuma ter 5 filhotes ao longo da vida. Acredita-se que as orcas possam viver mais de 40 anos.

ONDE VIVEM ■ As orcas são encontradas em todos os oceanos, desde as regiões polares até os mares tropicais, tanto em áreas costeiras quanto em oceânicas. Sua presença, porém, costuma ser mais comum em águas frias e costeiras.

No Brasil, há registros da ocorrência de orcas em diversos estados. Na Baía da Ilha Grande, os pesquisadores começaram a estudar a presença de baleias e golfinhos em 1990. Desde então, os encontros com esses animais vêm-se tornando relativamente frequentes.



	Machos	Fêmeas	Filhotes ao nascer
Tamanho	de 5,2 a 9,8 metros	de 4,5 a 8,5 metros	cerca de 2,2 metros
Peso	até 8.000 quilos	até 4.000 quilos	cerca de 180 quilos
Nadadeira dorsal	triangular até 1,8 metro de altura	falcada menos de 1 metro de altura	
Maturidade sexual	entre 5,2 e 6,2 metros	entre 4,6 e 5,4 metros	

COMO VIVEM ■ Assim como todos os mamíferos, a orca tem pulmões e precisa respirar. Após cada mergulho, ela renova o ar dos pulmões que, estando a uma temperatura mais alta do que a temperatura ambiente, condensa-se e forma um vapor chamado “borrifo”. Quanto maior o tempo que o animal esteve submerso, maior o som e a altura do seu primeiro borrifo. Nos adultos, a altura do borrifo pode atingir até 3 metros. As orcas podem permanecer cerca de 10 minutos debaixo d’água e, quando se deslocam, podem desenvolver velocidades de até 40 quilômetros por hora.

Embora seja comum encontrar orcas solitárias, esses animais apresentam laços sociais muito fortes. Geralmente, formam pequenos grupos familiares de 5 a 20 indivíduos. Às vezes, podem ser vistos grandes grupos de mais de 100 orcas.

Uma orca geralmente vive junto do mesmo grupo por toda a vida, e os filhotes costumam ficar ao lado das mães mesmo depois de adultos. Os grupos são formados por animais de ambos os sexos e de todas as idades. A sociedade é matriarcal: quem manda nos grupos são as fêmeas mais velhas.

Em certas regiões do mundo foram identificados dois tipos de grupos de orcas: os residentes e os viajantes. Como o próprio nome indica, as orcas residentes vivem sempre na mesma região, geralmente em áreas costeiras e protegidas, onde há fartura de alimento, em grupos de no mínimo 5 animais. Já as viajantes vagam pelos oceanos em pequenos grupos de no máximo 5 animais. As residentes jamais se asso-

ciam com as viajantes e vice-versa. Na costa brasileira, os estudos ainda não permitiram concluir se também existe esse tipo de diferenciação entre os grupos de orcas.

As orcas são animais inteligentes e curiosos, que gostam de se aproximar de embarcações. Mesmo sendo muito pesadas, elas saltam, batem com as nadadeiras na superfície da água e colocam a cabeça para fora para “espiar” o que se passa ao redor. Toda essa atividade, porém, pode ser compensada em descansos prolongados, quando os animais boiam imóveis na superfície durante horas.

As orcas comunicam-se através de uma grande variedade de sons e também com movimentos e sinais do corpo. As vocalizações são parecidas com estalos e assobios. Cada grupo emite um conjunto de sons único, que o diferencia dos demais.

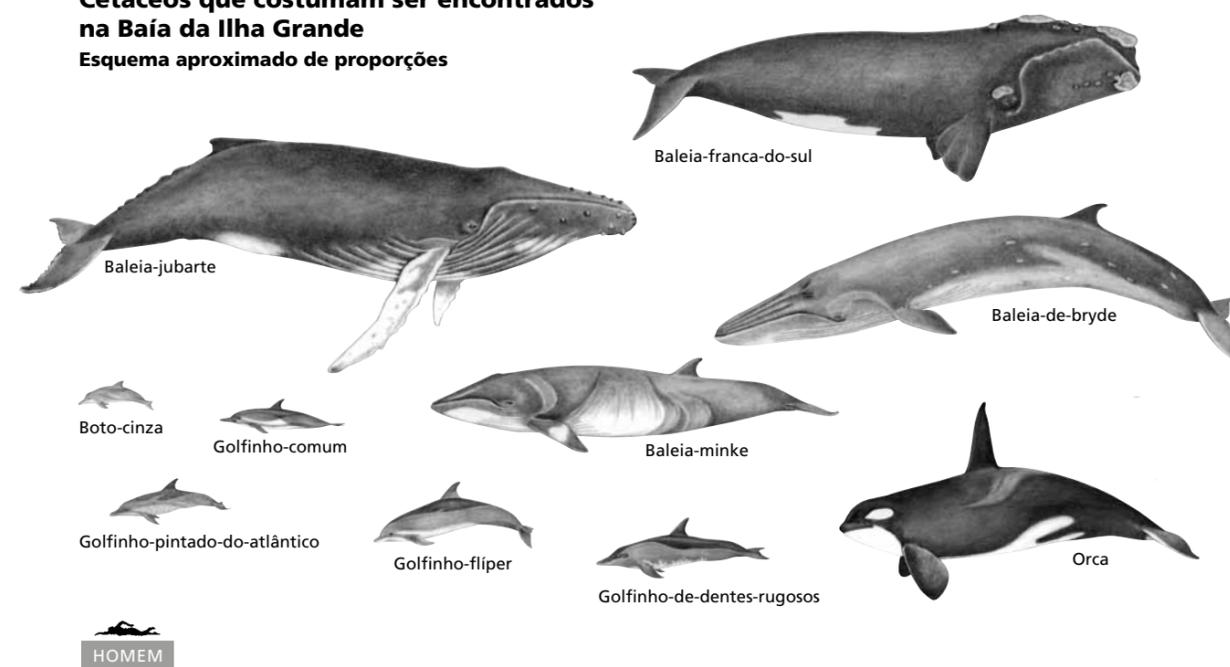
COMO SE ALIMENTAM ■ A orca possui de 20 a 24 pares de grandes dentes, mas não mastiga o alimento: os dentes servem apenas para segurar a presa. Acredita-se que uma orca precise ingerir o equivalente a 4% do seu peso diariamente, o que corresponde a cerca de 250 quilos de comida por dia para um macho adulto!

Assim como os leões e os lobos, as orcas caçam de maneira cooperativa, formando verdadeiros “times” bem organizados onde cada animal tem uma função durante a caça.

A dieta é variada. Em certos locais, descobriu-se que as orcas residentes alimentam-se basicamente de peixes, enquanto as viajantes alimentam-se de qualquer presa disponível em

Cetáceos que costumam ser encontrados na Baía da Ilha Grande

Esquema aproximado de proporções



seu trajeto pelos oceanos. De modo geral, as orcas alimentam-se de várias espécies de peixes (inclusive tubarões e raias), lulas, cetáceos (baleias e golfinhos), focas, lobos-marinhos, leões-marinhos, elefantes-marinhos, pinguins, aves marinhas e até mesmo de tartarugas!

INIMIGOS E AMEAÇAS ■ A orca não possui inimigos naturais, pelo fato de ser, juntamente com o tubarão-branco, um dos maiores predadores dos mares. A maior ameaça natural à sua vida talvez seja o desgaste dos dentes, que pode fazer com que o animal não consiga mais se alimentar.

As principais ameaças causadas pela ação do homem são a captura (proposital ou acidental) e a degradação dos mares pela poluição.

Outro tipo de ameaça é a interação com pescarias. Em alguns locais, as orcas aprenderam a “roubar” os peixes capturados no espinhel (longa linha com vários anzóis) que os pescadores armam para capturar peixes grandes. No Brasil, este comportamento tem sido obser-

vado na pesca de atuns e espadartes no Espírito Santo e no Rio Grande do Sul, onde os pescadores prejudicados costumam afugentar os animais de modo agressivo.

Em várias partes do mundo, as orcas são caçadas ou mortas por pescadores que as consideram competidoras. No Japão, a carne é utilizada para o consumo do homem e as vísceras servem para fabricar fertilizantes e como isca para a pesca. Na Noruega, usa-se a carne para fazer ração para animais domésticos.

Várias orcas também já foram mortas durante a captura e o transporte para exibição em aquários. Atualmente, em vários países há leis que impedem ou limitam o comércio de orcas para exibição. No Brasil, é proibido capturar, perseguir e molestar qualquer espécie de boto, golfinho ou baleia. Além disso, também está proibida a compra de animais vivos vindos de outros países, seja para criação com fins comerciais, seja para manutenção em cativeiros de estimação ou ornamentação, ou ainda para exibição em espetáculos.

O CATIVEIRO ■ As orcas já foram consideradas as criaturas mais perigosas dos mares. Essa imagem só começou a mudar em 1965, quando um macho adulto foi acidentalmente capturado por uma rede de pesca no Canadá. Este animal foi salvo e levado em um cercado flutuante para o Marine Aquarium, em Seattle, nos Estados Unidos. A orca recebeu então o nome de “Namu” e conquistou a simpatia de todos com sua docilidade e inteligência.

Nos primeiros anos da década de 1970, iniciou-se o crescente e lucrativo comércio de orcas para exibição em aquários. Ao mesmo tempo, vários movimentos ecológicos manifestaram-se contra as capturas, pois não se sabia quantas orcas havia na natureza e também muito pouco se conhecia sobre os hábitos e o comportamento delas. A grande pressão desses movimentos estimulou muito a pesquisa sobre a vida das orcas em seu ambiente natural. Fatos surpreendentes sobre seu modo de vida foram aos poucos sendo descobertos. A partir daí, a orca passou a ser respeitada como um animal interessante e inteligente, e a fama de assassina foi dando lugar ao fascínio e ao afeto dos seres humanos.

Atualmente, em todo o mundo, muitos pesquisadores e admiradores das orcas questionam a validade de se manterem esses incríveis animais em cativeiro. De modo geral, tem-se procurado impedir que novas orcas sejam capturadas e, no caso daquelas que já vivem em cativeiro, os esforços se concentram em melhorar as condições e o tamanho dos aquários.

ENCONTRANDO AS ORCAS ■ Na Baía da Ilha Grande, assim como em outros locais do Brasil, é possível encontrar orcas em seu ambiente natural. Embora não existam registros de ataques de orcas a seres humanos na natureza, quando as encontramos no mar nunca devemos tentar persegui-las ou tocá-las. Só o seu tamanho e a força provocada por seu deslocamento já são perigosos para um banhista ou para um pequeno barco! Além disso, não devemos esperar que um animal selvagem se comporte como aqueles mantidos em cativeiro, onde os “carinhos” e “beijinhos” são aprendidos em troca de muita comida. Na natureza, a orca ainda deve ser vista como um predador, que precisa ser observado com respeito e a uma distância segura.



1ª edição: 1998 / 5ª reimpressão: 2011
Impressão e acabamento: Yangraf Gráfica e Editora Ltda, São Paulo, SP
Papel da capa: cartão 300g/m²
Papel do miolo: couché fosco 150g/m²